

Dança, grito e superação na covid-19: reflexões sobre *Histórias Abreviadas*

André Meyer

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Cristina Lyra de Carvalho Vianna

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Francielle Fanaya Réquia

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Miriam Struz

Pesquisadora independente

Ana Célia de Sá Earp

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo

O artigo visa refletir sobre os processos de criação envolvidos na concepção e realização da ação *Histórias Abreviadas*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A ação *Histórias Abreviadas* intenciona criar uma rede de afetos que visa homenagear as vítimas da covid-19. A ideia está centrada em promover a expressão artística como um movimento de cuidado. O objetivo é de reposicionar a arte como um lugar de escuta e afeto para que possamos ressignificar o período de luto que estamos passando. *Histórias Abreviadas* é uma ação de engajamento dentro do Projeto Festival ImaginAções, realizado através de postagens de vídeos de curta duração (Reels) no aplicativo Instagram, interligadas com textos que alicerçam polifonicamente esta imagética da arte como lugar de empatia e superação.

Palavras-chave: dança; cuidado; festivais; mídias criativas; coreografia.

Como surgiu a ideia de *Histórias Abreviadas*? Tudo começou com uma imagem. A partir do quadro *A Dança*, de Henri Matisse, sua trama colorida nos sugere uma fluidez delicada e vibrante de uma dança circular que celebra os ciclos da vida e uma união primordial de pessoas em vida comunitária. Uma ciranda, um círculo, uma roda de pessoas de mãos dadas, onde um ajuda o outro em uma trama interdependente de encontro e celebração vibrante.

As formas em movimento ocupam toda a tela, em um padrão rítmico expressivo onde cinco figuras desveladas se dão as mãos com o objetivo de criar um círculo em uma dança vibrante.

Jung abordou este tema do círculo como uma metáfora da individuação para designar a representação arquetípica da totalidade. Cabe lembrar que este processo vai no sentido oposto ao individualismo egocentrado tão preponderante nas redes sociais. *Histórias Abreviadas* vai em outra direção que nos leva à uma expansão da consciência para além do pessoal. Esta ação visa nos tornar mais receptivos ao numinoso ou não pessoal. “No âmbito dos costumes religiosos e da Psicologia, designa imagens circulares que são desenhadas, pintadas, configuradas plasticamente, ou danças” (JUNG, 2002, p. 385-387 [sic] apud DIBO, 2006, p. 110).

A dança circular traz esta unidade, de nos colocar no centro das experiências cósmicas e tônicas onde se vive uma comunhão com o próximo. Uma experiência onde participamos de ausência de distinção ou de divisão e seus possíveis efeitos que reverberam em vivenciar um sentimento afetivo de religação que abre as portas da fraternidade universal entre os seres humanos.

Esta ideia tem correlações com as palavras de Bachelard quando diz na Fenomenologia do Redondo:

É preciso mesmo tomar cuidado para que as cores muito vivas da ilustração não façam que se perca a luz primeira do ser da imagem [...] as imagens da redondeza plena nos ajudam a nos congregar em nós mesmos, a nos dar a nós mesmos uma primeira constituição, a afirmar nosso ser intimamente, pelo interior. Porque vivido a partir do interior, sem exterioridade, o ser não poderia deixar de ser redondo. (BACHELARD, 1998, p. 349-352).

Este caminho circular nos conduziu primeiramente para pensar, sentir e querer desenvolver o projeto como uma dança na circularidade através de pequenos solos coreográficos em uma rede de afetos que levasse cada um que se engajasse na ação para entrar nesta “ciranda *on-line*” e assim gerar uma ação de positividade como fruto de um fazer originário e essencial da arte como cuidado.

A partir de um íntimo que vibra, de uma pulsão originante, nos damos conta de que estamos sempre imersos em um vórtex de movimento. Se há um nome para nomear o inominável que a dança sempre evoca, nós poderíamos dizer que ela é pura energia.

E é neste encaminhamento do viver a dinamogenia das possibilidades moventes que penso ser onde reside a força e a verdade da dança. Aqui vamos ao encontro da concepção originária segundo Martin Heidegger como citado por Michelazzo, onde verdade está ligada a um jogo de velamento e desvelamento do ser, quando diz:

A primeira concepção da essência da verdade para os gregos era expressa na própria raiz da palavra alétheia: não-ocultamento. Este “a” privativo (*a-létheia*), fazia com que o grego, ao proferir essa palavra, olhasse sempre para “isto (aí) que foi arrancado de uma ocultação” [...]. (MICHELAZZO, 1999, p. 34).

Assim compreendida, nossa corporeidade se abre para ou aguarda pelo eclodir de suas potencialidades no destino de nossa livre relação de ser. Então resgatamos aspectos mais sutis, que, embora a ela integrados, excedem a materialidade ou um modo de ver a matéria e o corpo na perspectiva biopositivista. Nesse sentido, as transformações sociais e o fluxo relacional entre as pessoas (eminentemente coletivos), bem como as oscilações da mente e do espírito são também importantes, a serem pensados dentro do conjunto dos movimentos do mundo. É neste quadro que se insere o movimento artístico em dança: lidando com um princípio muito mais amplo da realidade – ecológica, social e subjetiva –, contextualizado nele, o corpo humano integra-se ao fluxo das coisas, e é a partir dali que cria, origina, expressa. O quadro em que se forma a dança, então, é de conexão com este princípio mais amplo, esse dinamismo presente em tudo. A integração com este fluxo propicia ao dançarino uma plataforma de expressão plena. Este ponto é fundamental. E é neste contexto que as ações em dança presentes em *Histórias Abreviadas* apontam para a necessidade da integração espiritual, para uma expressão que toma a vida em toda sua potência. A integração da consciência a este fluxo possibilita que a intuição adquira um peso mais significativo na dança. Integrado a este princípio da natureza, o ser que dança pode, qualquer que seja o conteúdo em questão, expressá-lo de modo pleno: plenitude em termos de atenção, de concentração, de imersão e poética.

Mas quando nossos hábitos vão em outra direção, do fechamento e do condicionamento, vivemos parcialmente, em sentido de perda e esquecimento das nossas capacidades criadoras.

O advento da Internet transformou a forma com a qual nos relacionamos com o mundo, diminuindo as distâncias e reduzindo o planeta às proporções do que McLuhan denominou “aldeia global”. A noção de tempo foi drasticamente modificada, nos colocando em uma era da instantaneidade, do simultâneo e consequentemente do efêmero. (ARAÚJO, 2013, p. 11).

Neste sentido *Histórias Abreviadas* se situa como um grito de esperança contra a perda de um *ethos* essencial, que marcou a gestão da pandemia em nosso país em todos os sentidos. Neste cenário, o projeto passou por várias fases até amadurecer em seu formato final dentro do Festival ImaginAções. O Festival “ImaginAções” foi concebido a partir de entre os três eixos de ação: “Galeria Heterotopias”, “Labirinto Uirapuru” e *Histórias Abreviadas*. Neste sentido, através de ações dinâmicas que se conectam, os participantes são instigados a interagirem em novas perspectivas de tempo e espaço.

A construção de *Histórias Abreviadas* integrou várias referências como a prática de *Mindfulness* proposta no “Quarto de Respirar” de Thich Naht Hanh, de improvisações coreográficas realizadas na disciplina Fundamentos da Coreografia I e II dos Cursos de

Graduação em Dança da UFRJ, pela assimilação da experiência do “Meu Bebê” Festival¹, que foi fundamental para a nossa percepção do potencial de criação de um festival de engajamento pelo Instagram. Pela análise de performances duracionais de *Cada número é o amor de alguém* de Tania Alice² visualizamos um forte e sensível trabalho feito a partir das histórias de pessoas que faleceram por covid-19. A partir daí, passamos a pesquisar banco de informações sobre covid-19 na internet no site inumeráveis³ e no blog linha de frente do jornal *Folha de S. Paulo*.⁴ Tudo isto se uniu a estudos de videografismos e de programação visual que juntos levaram a presente proposta chegar a sua versão final denominada *Histórias Abreviadas*.

Histórias Abreviadas é uma ação de engajamento no Instagram⁵ que une fotografia, pintura, dança, música, teatro, poesia e desenho numa trama que nos conecta a tudo e todos. Com esta vibração, os Reels⁶ buscam evocar uma dimensão de cuidado, justamente neste momento de pandemia, onde somos chamados a realizar mudanças. É nesta perspectiva que *Histórias Abreviadas* integra várias dimensões do poético, num mosaico afetivo e estético de homenagem às vítimas da covid-19.

Lançamos mão de protocolos de pesquisa e produção que foram gerados a partir de múltiplos caminhos que espelham a vocação interdisciplinar da equipe de criação e da própria matriz da disciplina. Desta forma, *Histórias Abreviadas* é fruto de um processo que mescla as *expertises* e experiências profissionais da equipe de criação que uniu profissionais de jornalismo, dança, design, videoarte, programação criativa de ambientes *on-line*; interligadas a reflexões e referências advindas da “Teoria de Princípios e Conexões Abertas em Dança” de Helenita Sá Earp (2019), noções advindas do *Mindfulness*; que juntos vem sendo o foco de nosso trabalho e compuseram polifonicamente nossos percursos criativos.

Contudo antes de descrever os caminhos que trilhamos para desenvolver o conceito do projeto, as metodologias utilizadas e os resultados alcançados; vamos refletir sobre um pouco sobre o que é cuidado e como podemos encaminhar nossas práticas artísticas a partir desta dimensão. Este caminho aponta para o sentido de nossas buscas artísticas que possibilitaram a construção de *Histórias Abreviadas*.

¹ Para maiores informações, ver: <https://www.instagram.com/meubbfestival/>.

² “Cada número é o amor de alguém é uma experiência performativa que testa até onde conseguimos sustentar emocionalmente a perda de tantas vidas causadas pela pandemia e pelos descasos do governo atual.” Texto disponível em: <https://www.performerssemfronteiras.com/cada-n%C3%BAmero-%C3%A9-o-amor-de-algu%C3%A9m>. Acesso em: 16 maio 2022.

³ Disponível em: <https://inumeraveis.com.br/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

⁴ Disponível em: <https://linhadefrente.blogfolha.uol.com.br/>. Acesso em: 29 ago. 2021.

⁵ Ver <https://www.instagram.com/historias.abreviadas/>.

⁶ O Reels é um recurso do Instagram para gravar vídeos curtos. Com isso, a rede social aumentou o seu leque de possibilidades, indo além dos Stories e IGTV. O Reels é concorrente direto do TikTok, o famoso App chinês.

Arte como grito e superação

Em diversos dos seus escritos, Leonardo Boff tece uma reflexão sobre a dimensão ontológica-existencial do cuidado como a condição essencial de Ser do ser humano. Atualmente estamos diante de situações limítrofes que colocam em risco a vida no planeta e que vem suscitando uma urgente mudança de perspectiva nas mais variadas esferas do conhecimento. Perspectivas que apontam para a necessidade de um diálogo entre tradições espirituais, epistemologias e práticas artísticas. Em recente *live*⁷, Boff chamou a atenção que a covid-19 veio nos ensinar algo. Ensinar o quê? A pandemia é uma espécie de grito da mãe natureza para a humanidade. Mas que grito é este? Temos que sair da perspectiva materialista de expropriação máxima dos recursos da natureza – de vê-la apenas como *commodities* – e abandonar a cobiça desmedida decorrente desta visão utilitarista, pois é justamente esta visão que vem causando drástica alteração de ecossistemas e mudanças migratórias de vetores virais. Se não ouvirmos este grito só nos restara assumir consequências ainda mais dramáticas que poderão vir.

Para sairmos deste velho paradigma temos que encontrar o “fio de Ariadne” que nos leve para fora deste ciclo autodestrutivo. Vale lembrar que a partir da física quântica, da biologia orgânica, da psicologia profunda, da psicologia transpessoal e da ecologia social; emergiu uma concepção de realidade como sendo uma rede complexíssima de campos energéticos e mórficos em uma espécie de dança cósmica ou teia de origem interdependente.⁸ Nesta perspectiva a corporeidade é multidimensional, como fica expresso nas palavras abaixo:

Isto quer dizer na realidade nunca encontramos um espírito puro, mas sempre em todo lugar um espírito encarnado. Pertence ao espírito sua corporeidade e com isso sua permanente relação com todas as coisas. Como pertence ao corpo concreto o espírito que o permeia. Como ser-humano- corpo emergimos qual nós de relação universais a partir de nosso estar no mundo com os outros. Esse estar no mundo com os outros não possui uma dimensão geográfica, mas essencial. Quer dizer a cada momento em sua totalidade do ser humano é corporal e simultaneamente em sua totalidade é espiritual. Essa unidade complexa do ser humano nunca poderá ser esquecida. Desta forma, os atos espirituais mais sublimes ou os voos mais altos da criação artística ou da Mística são todos marcados pela corporalidade, como nos mais cotidianos atos corporais como comer, lavar-se, dirigir um carro vem penetrados de espírito. (BOFF, 2020, p.84-85).

Gradativamente emerge um novo paradigma de reencantamento e com ele uma nova maneira de agir em rede em nossos fazeres profissionais de comunicação, programadores criativos, designers, curadores, artistas visuais, produtores culturais, atores, dançarinos, entre outros.

⁷ Aula com Leonardo Boff e Eduardo Moreira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XK_E5K8ME-4. Acesso em: 25 ago. 2021.

⁸ Cf. HARLAND; KEEPIN, 2016.

E isto pode ajudar a nos levar para uma ética que permita cuidar e fazer o nosso movimento criativo e artístico como uma expressão de valores, atitudes e comportamentos práticos consoante às várias tradições culturais e espirituais e desta forma nos conectar com a sabedoria dos povos e aprendermos uns com os outros.

Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. A atitude é uma fonte, gera muitos atos que expressam a atitude de fundo. (BOFF, 2007, p. 25)

É aí que *Histórias Abreviadas* se coloca. Pois este encontro com nossa natureza essencial nos permite superar a angústia imobilizadora que muitas vezes nos impede de agir em benefício dos seres.

Quando a consciência se transforma em ato de comunhão com cada expressão de ser, o universo chega a si mesmo e se realiza plenamente em nós. Esse ponto essencial e originário se liga, ao nosso ver, como a dimensão mais sensível, poética, potente e plena da arte e da própria dança. Portanto se liga a uma maneira própria pela qual *Histórias Abreviadas* se estrutura para proporcionar um engajamento intuitivo e direto das pessoas na internet. O cuidado entra na natureza e na constituição do próprio sentido desta ação neste momento.

Outro ponto relevante que amparou nossas propostas foi o âmbito, de efetivação experiencial da dança, não apenas em termos de situações, mas também de agentes envolvidos: o corpo que dança em *Histórias Abreviadas*, é qualquer concreção ontológica possível, qualquer individuação; circunstancial, contudo, de elementos, por mais heterogêneos que sejam, como as propostas que envolviam as ações criativas. O corpo que emerge ali está fundamentalmente conectado a sua teia de relações. Nesse sentido, uma abordagem antropológica centrada no corpo de Thomas Csordas pode ser de muita valia. Escapando ao estabelecimento de uma oposição do corpo a mente, o fundamento analítico deste paradigma é fornecido pela experiência.

[...] a experiência como a significação do sentido, imediata tanto no sentido de sua concretude, de sua abertura subjuntiva, de seu avanço para a realidade sensorial, emocional, intersubjetiva do momento presente; e no sentido em que é o surgimento não mediado, não premeditado, espontâneo ou não ensaiado da existência crua. (CSORDAS, 2008, p. 2).

Este conceito trata da expansão e elaboração do horizonte de percepção a partir da atenção “somática”. Enquanto parte de um olhar paradigmático, este conceito se propõe a uma interpretação ampla do mundo cultural, embora seja excepcionalmente apto a análise de práticas sociais eminentemente corporais, tais como a dança. Entendê-la desta forma é trazer centralidade para a corporeidade em suas diversas modulações culturais. Contudo, o que mais nos interessa aqui é que esta noção evidencia o papel da atenção enquanto postura

fenomenológica na prática da dança, destacando sua realização através do corpo. Sendo plenitude de movimento também uma plenitude de atenção e consciência corporal, o que é fundamental para pensar o papel da imaginação na dança. Desta forma integrado, o corpo pode estabelecer relações significativas com elementos heterogêneos a si, concretizando um corpo coletivo, relacional, em que se apoiaram as poéticas presentes em *Histórias Abreviadas*.

O “Quarto de Respirar” como caminho

Em nossas buscas sobre como desenvolver um conceito tangível de ação sensível e poética de acolhimento e que ao mesmo tempo permitisse o engajamento via Instagram das pessoas de modo direto e intuitivo na ação, começamos a pesquisar sobre práticas de bem-estar e meditação. Encontramos um caminho nos ensinamentos sobre *Mindfulness* de Thich Naht Hanh,⁹ quando ele fala sobre a importância da respiração consciente.

Toda casa deveria ter um quarto chamado “O quarto de respirar”, ou pelo menos o canto de um quarto reservado para este propósito. Neste lugar nós podemos colocar uma mesinha baixa com uma flor, um sininho e almofadas suficientes para todos da família se sentarem. Quando nos sentirmos inquietos, tristes ou furiosos, podemos entrar neste quarto, fechar a porta, sentar, convidar o sino a soar e respirar conscientemente. Depois de 10 a 15 minutos respirando desta forma, começamos a nos sentir melhor. (HANH, 2013, p. 194).

A partir destas práticas de meditação e desta ritualização do espaço para torná-lo um lugar de repouso e renovação – capaz de nos restaurar – pensamos em um caminho onde o movimento pudesse expressar pequenos gestos ou danças pelas quais as pessoas trocariam gestos de simpatia pela internet, onde cada uma demonstraria um afeto e que desencadearia um fluxo de outros gestos afetivos no intuito de falar da saudade, comoção pessoal e coletiva, em expressões de arte, como quando entregamos a alguém uma flor!

Aqui é interessante mencionar que esta mesinha baixa com uma flor nos remete a representação arquetípica do Jardim Zen Japonês. Neste sentido, o “espaço do templo xintoísta, japonês, com suas rochas; riachos e arbustos são reduções do cosmos; uma passagem do caos das potencialidades para as atualizações, tanto no plano material quanto no espiritual” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 391).

De certa forma, o espaço do afeto que estávamos trabalhando com *Histórias Abreviadas* era o espaço adimensional da imaginação capaz de nos levar para uma passagem do caos – que é enfrentar a perda de entes queridos para a covid-19 – para reencontrar a lucidez através da percepção espiritual dos ciclos da vida infinita. Tudo isto nos levou a um amadurecimento do conceito da ação dentro do Festival “ImaginAções”, até a definição do projeto em sua versão final, que passaremos a descrever a seguir.

⁹ Monge budista que foi indicado por Martin Luther King ao Prêmio Nobel da Paz de 1966.

Metodologia e os processos de criação de *Histórias Abreviadas*

Neste momento vamos refletir sobre os protocolos de criação que culminaram na realização *Histórias Abreviadas*. O projeto foi concebido e realizado numa dinâmica multidisciplinar formada por uma equipe de coreógrafos, jornalistas, programadores visuais, videomakers e produtores culturais. A metodologia utilizada no presente trabalho consistiu em pesquisa exploratória e descritiva, ampliando o campo de conhecimento sobre engajamento no Instagram para posteriormente descrever os fatos. Utilizou também de análises interpretativas sobre os Reels postados¹⁰ pelos participantes voluntários que se engajaram na proposta, extraíndo conclusões junto a uma análise qualitativa. Desta forma pode-se ressaltar as significações contidas nos atos e práticas, que se voltou para situações particulares vividas durante a pandemia de covid-19 para se realizar uma indagação em profundidade, sendo tomada como exemplar (CHIZZOTTI, 1991).

Todas as práticas foram fruto de um fazer originário e essencial de posicionar a arte como cuidado e pensadas como uma ação de engajamento solidário de artistas no Instagram. O processo de criação de *Histórias Abreviadas* teve duas etapas que são descritas abaixo.

Como mencionamos anteriormente, a partir do quadro *A Dança*, de Henri Matisse, surgiu uma fagulha. A dança é uma ciranda, um círculo, uma roda de pessoas de mãos dadas, um ajudando o outro, uma corrente. Com a ausência do contato na pandemia, a ação intencionava, em seus primórdios, a construção de um mosaico de afeto, com fotos de toques, abraços e beijos. Uma flor virtual (figura 1) seria passada à frente como uma corrente. A pessoa que recebesse essa flor, postaria uma foto daquele afeto que ela sentiu falta na pandemia. Nesta etapa, a ação começava-se a ganhar seus primeiros contornos. Chamamos de “Projeto Dedicatória”.



Figura 1. Flor virtual¹¹ como metáfora para troca de afetos. Imagem: Cristina Lyra de Carvalho Vianna.

¹⁰ As postagens foram realizadas entre 16 de agosto a 6 de setembro de 2021. O perfil do projeto hoje tem 21 publicações, 273 seguidores e 717 seguindo.

¹¹ Imagem-prototípica gerada em 24/06/2021.

A partir do ciclo de manifestação de uma flor (figuras 2 a 5) da florescência até seu esmaecer, o “Projeto Dedicatória” logo se modificou para o “Festival Efêmero”. A partir de um *time-lapse*¹² do ciclo de vida de uma flor, buscava fomentar uma contemplação da impermanência de todas as coisas. A ideia era de que como esta contemplação, as pessoas seriam mobilizadas interiormente para refletir sobre a vida e seus ciclos. E assim ressignificar a finitude.



Figura 2. A flor como metáfora da transformação das fases da vida. Imagem: Neil Bromhall.



Figura 3. A opulência do desabrochar. Imagem: Neil Bromhall.

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CWEDWLIrBY/>. Acesso em: 16 maio 2022.



Figura 4. Esmacer da flor. Imagem: Neil Bromhall.



Figura 5. O fim como início de um novo ciclo. Imagem: Neil Bromhall.

A esse ponto, pensamos em homenagear as perdas de entes queridos pela covid-19. Já que todo ciclo tem também um recomeço, inserimos a “Ciranda do Afeto” e colocamos o movimento como cura. Nesta etapa, o projeto se engajou nas atividades desenvolvidas na disciplina Fundamentos da Coreografia I e II, que tem em seus pressupostos conceituais e metodológicos referenciais que se apoiam na “Teoria de Princípios e Conexões Abertas em Dança” de Helenita Sá Earp (2019). Este conjunto de práticas compuseram polifonicamente alguns roteiros criativos instaurados em *Histórias Abreviadas*.

A disciplina estava focada em temas que envolviam: a) a exploração criativa do movimento com exercícios respiratórios, b) automassagens, c) meditações, d) exploração de objetos, e) montagem de instalações, f) visualizações criativas e escritas automáticas; em um fazer originário e essencial de cuidado apoiadas na “Teoria de Princípios e Conexões Abertas em Dança” de Helenita Sá Earp (2019) em diálogo com propostas presentes no Yoga e *Mindfulness*. Desta forma, realizamos laboratórios de pesquisa de movimento e improvisações visando a criação de pequenos solos de dança que nos ajudaram a construir e amadurecer o conceito final do projeto.

O ponto fundamental é que, ao fim e ao cabo, cada corporeidade detém potencialidades práticas específicas, próprias do habitus por ela encarnado, de tal maneira que se tornou muito mais apropriado com que cada uma abordasse o tema da homenagem aos entes queridos levados pela covid-19 em sua singularidade emotiva e espiritual na criação do seu Reels. Além da fisicalidade individual há, assim, o nível da cinesiologia cultural, cujas disposições são estabelecidas coletivamente, e particularizam as possibilidades de cada corpo. A aceitação desta pluralidade de corpos e suas especificidades de movimento é parte central da fundamentação pedagógica desta abordagem em dança que permeia esta proposta. Uma proposta aberta que busca prover um acesso a prática da dança para todos os corpos. Isso foi especialmente relevante se consideramos o contexto de encontro de experiências de vida tão diferentes das pessoas que se engajaram na ação e as situações que viveram diante deste drama.

Reels do Instagram como rede de afetos

*Histórias Abreviadas*¹³ é um convite para a expressão de homenagens de quem teve sua história de vida abreviada por causa da pandemia de covid-19. Por meio da tag *#historiasabreviadas*, a iniciativa constrói um grande mosaico de afetos em múltiplas formas de expressão, reposicionando a arte como um lugar de escuta e cuidado (figura 6). A iniciativa é um convite à empatia e à superação, um lugar acolhedor e seguro para assimilar o período de luto pelo qual estamos passando.

¹³ Curadoria: André Meyer, Cristina Lyra de Carvalho Vianna, Francielle Fanaya, Miriam Struz. Coordenação: Cristina Rego Monteiro da Luz, Karen Acioly.



Figura 6. Reels do Instagram como mosaico de afetos. Imagens: Vitória Pedro e Araújo, Thaísa Faustino, José Édipo da Silva Santos e Danielle Vianna Menezes Pinto Almeida.

A dança foi inserida como o principal formato de homenagem e empatia (figuras 7 e 8).



Figura 7. Thaísa Faustino dançando como forma de cuidado. Imagens: Thaísa Faustino.

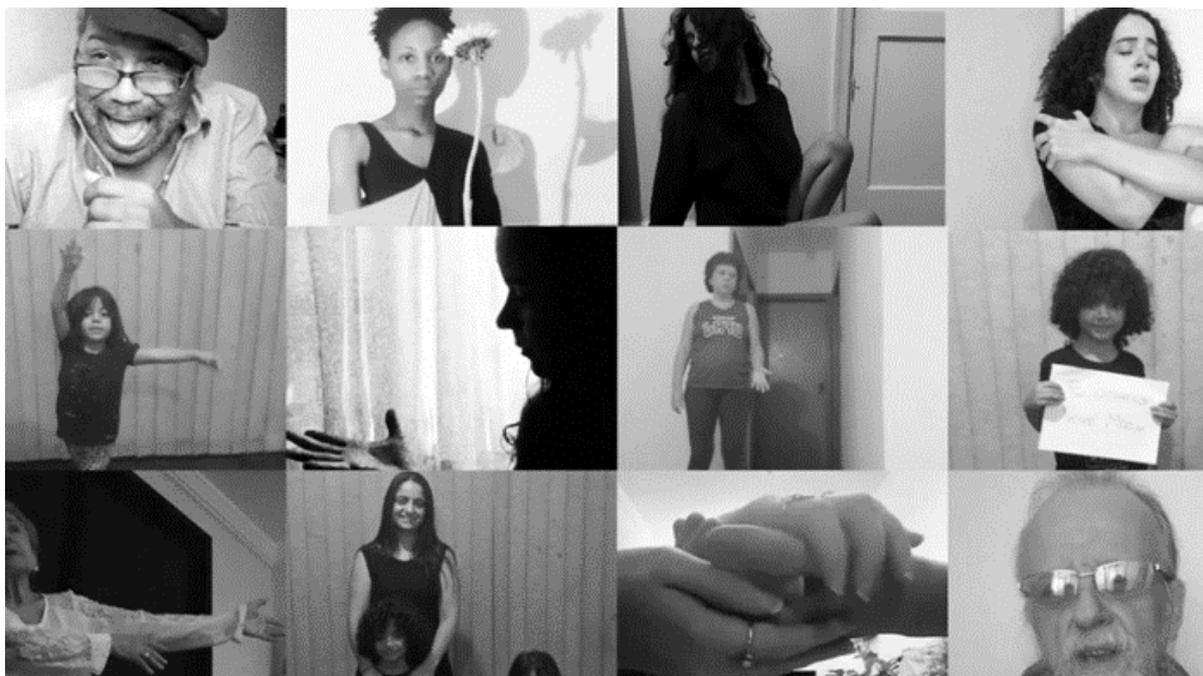


Figura 8. A expressão na teatralidade do movimento afetivo. Imagens: Berenice Xavier, Danielle Vianna e família, José Édipo da Silva Santos, Luiz Claudio Alzuguir, Mari Paz, Thaisa Faustino, Vitória Albuquerque, Yasmin Moreira e Raissa de Sousa Lima.

Mas também foram abertos espaços para desenhos, poesias, músicas e gestos artísticos em seu mais amplo sentido (figura 9). Tomou forma o nosso *Histórias Abreviadas*. A ação intenciona reposicionar a arte como um lugar de escuta e cura. Um convite à empatia e superação, bem como um lugar perfeito e seguro para olhar para o período de luto que estamos passando.



Figura 9. O elemento fogo como imagem arquetípica da transformação.¹⁴

¹⁴ Gaston Bachelard (1884-1962) dedicou uma parte do seu livro (publicado *post-mortem*) *Fragments de uma Poética do Fogo* à figura mítica da Fênix. A imagem da Fênix envolve o sentido das potencialidades renovadas.

Os temas de pesquisa em fotografia, *layout*, diagramação, aconteceram de modo integrado e dialogavam entre si, aprofundando suas descobertas e processos criativos em suas respectivas expertises. Todos os processos foram feitos em uma Produção Partilhada do Conhecimento de modo remoto. Todos os achados do coletivo se potencializaram na elaboração do roteiro da ação, onde temáticas foram fundidas, no sentido da elaboração de quadros imagéticos dos Reels.

Comunicação em rede para construção da narrativa

Para além da curadoria e chamada direta de artistas do nosso círculo profissional e social, traçamos uma estratégia de comunidade para aumentar nosso alcance. O Instagram foi a plataforma escolhida para a distribuição e divulgação de conteúdo por se tratar de uma rede social com boas métricas de viralização e engajamento. Como falamos anteriormente, Reels é o formato de maior potencial atualmente na rede social Instagram, sendo possível publicar vídeos e animações verticais de até 60 segundos. O alcance dos posts estilo Reels é alto, já que a plataforma distribui o conteúdo para usuários interessados no seu segmento, não se limitando aos seguidores da sua página. Diferentemente do recurso *Stories*, também do Instagram, os Reels ficam armazenados no perfil depois de 24h e ainda podem aparecer na guia *Explorar* ou na rolagem do *Feed*.

Portanto, para otimizar a atração de pessoas que ainda não seguiam nosso Instagram e incentivar as que já seguiam para que elas explorassem os demais vídeos publicados, elegemos o Reels como recurso principal de distribuição do *Histórias Abreviadas*.

Algumas outras estratégias foram determinantes para a ampliação da rede, tais como:

- 1) Postagem recorrente, afinal “quem não é visto, não é lembrado”. A partir do lançamento da divulgação dos materiais recebidos até o lançamento do festival,¹⁵ tivemos uma recorrência média de 1 *post* por dia.
- 2) Linguagem coloquial e informal, porém afetuosa. Uma base acessível mesclada com palavras e expressões poéticas, gerando sensações, sentimentos e emoções mais acolhedoras.
- 3) Textos de apoio sintético. Priorizamos textos curtos e utilizamos espaçamento entre parágrafos para uma leitura mais fluida. Além do uso de emojis-chave que informalizam e conduzem a comunicação, como por exemplo: a rosa, a estrela, o coração amarelo e setas de direcionamento de leitura.
- 4) Uso de *hashtags* para filtrar e otimizar nossa presença nas buscas e na segmentação de usuários. Além da criação da tag personalizada *#historiasabreviadas*, elegemos outras mais amplas, tais como: *#homenagem*,

“Na fenomenologia, é preciso que se creia numa imagem inacreditável, sem, no entanto, se entregar à credulidade. Os poetas nos ajudam por sutis variações de imagens, a trazer à vida o pássaro lendário” (1990, p. 52). Esta imagem foi gentilmente criada para a ação pela professora Cristina Rego Monteiro da Luz, coordenadora da disciplina Criação e Produção Cultural: Festivais Experimentais no Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas /PPGMC-UFRJ.

¹⁵ Nos dias 28 e 29 de agosto de 2021.

#memorial, *#corrente*, *#festival*, *#arte*, *#artecura*, *#covid*, *#covid19*. 5) Inclusão do nome da ação no começo de todos os vídeos, além de vinheta padrão de encerramento. Desta forma, conseguimos criar uma unidade nas postagens. 6) Estratégia para inflar a comunidade: entramos em algumas páginas de interesse comum ao nosso segmento, como por exemplo “Dança UFRJ” e “Arte”. A partir disso, fizemos um trabalho “formiguinha” de seguir os usuários ali dentro e enviar, via direct, um convite para conhecer nossa ação. Desta forma, conquistamos alguns seguidores pela curiosidade.

Resultados e considerações finais

Em menos de 20 dias, conquistamos 200 seguidores como uma média de engajamento de 10 seguidores por dia de forma totalmente orgânica. Até o lançamento da ação no site Cultura em Casa da Secretaria Municipal de Cultura do Estado de São Paulo (figura 11), o projeto contou como o engajamento de dezenas de artistas da dança, teatro, música, artes plásticas e professores de ciências de diversas regiões do país.

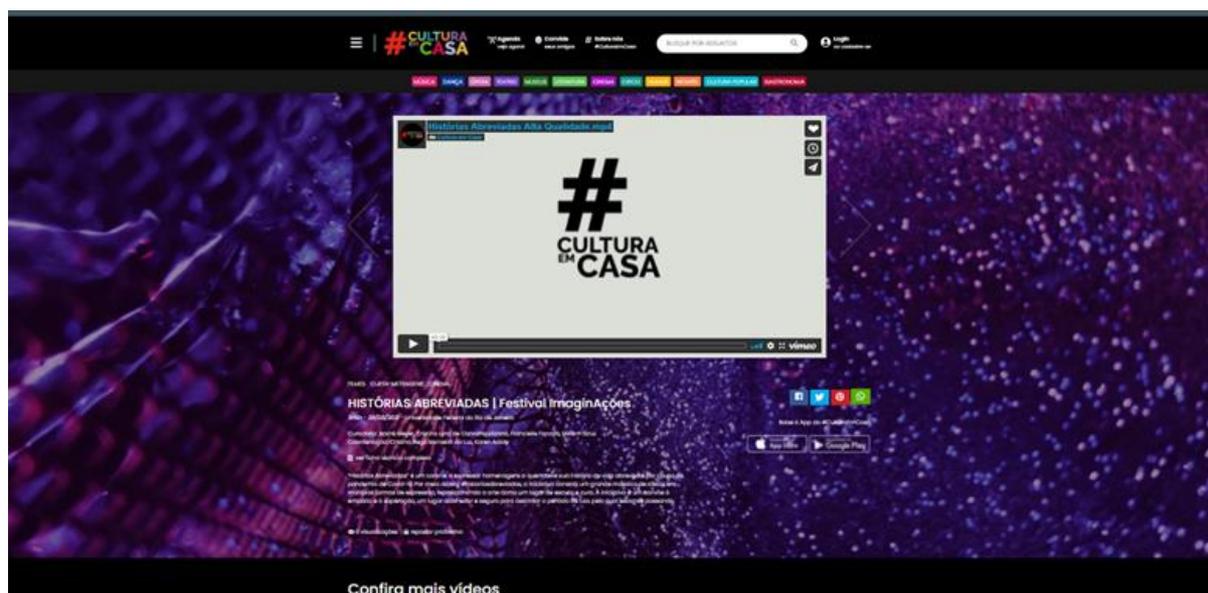


Figura 11. Lançamento no site Cultura em Casa da Secretaria de Cultura – SP.

Construir *Histórias Abreviadas*, junto ao Festival “ImaginAções”, foi uma experiência tocante de muitas mãos e muitos olhares. Um trabalho baseado na empatia e na escuta, dois pilares fundamentais para a criação de ações potentes.

Durante o projeto enfrentamos vários desafios, o maior deles foi lidar com um tema doloroso, mas transformá-lo em esperança e inspiração positiva. Pensar em uma ação afetiva que fala de morte sem ser dolorosa ou intrusiva foi uma questão chave. É mais fácil falar de alegria do que de tristeza em uma rede social de entretenimento como o Instagram. Ainda

assim, sentimos que foi possível acessar a perda das pessoas através de uma via contrafluxo, de sentimentos bons como esperança, amor e arte.

Pudemos observar que a troca de afetos com o público que engajamos foi íntima, por compartilharmos suas aptidões artísticas e às vezes histórias pessoais de suas famílias. Aprendemos durante todo o processo, pois nutrimos e éramos nutridos constantemente. São muitos os sentimentos que levamos dessa experiência, mas os principais são os de compaixão e gratidão. Compaixão por compartilhar a dor alheia ao ouvir histórias de luto, no entanto gratidão plena, pela dedicação de pessoas que expuseram sua imagem em solidariedade ao tema.

Fazer um festival é um desafio, mas fazer um festival online com pessoas que estão recém se conhecendo virtualmente, é um desafio maior ainda, mas em contraponto, o projeto também nos deu a oportunidade de trabalhar em grupo, despertando o melhor da aptidão de cada um. Foi como se a proposta nos unisse e nos desse força para seguir em frente ajudando um ao outro a proporcionar um afago em meio a um período difícil para toda a humanidade. Hoje o projeto *Histórias Abreviadas* fica como um caminho para trilhar um caminho e uma cultura de paz e cura, à todos que queiram abraçar essa causa.

Agradecimentos especiais

Manifestamos nossos agradecimentos especiais aos artistas participantes da ação: Alba Vieira, Berenice Xavier, Celso de Mattos, Cristina Rego Monteiro da Luz, Danielle Vianna e família, Elaine Damaris Canedo, Francielle Fanaya, José Édipo da Silva Santos, Luiz Claudio Alzuguir, Mari Paz, Maria, Nidia Paletot de Alcântara Braga, Paula Barragat, Priscila Carneiro, Taciana Moreira e família, Thaisa Faustino, Valéria Ferreira Diniz, Vitória Albuquerque, Yasmin Moreira e Raissa de Sousa Lima.

Referências

ARAÚJO, Alessandra Cavendish. *A passarela virtual: uma análise do aplicativo Instagram como plataforma de construção de narrativas de moda*. Brasília. Monografia. UNB, 2013.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, Gaston. *Fragments de uma poética do fogo*. Rio de Janeiro, Brasiliense, 1990.

BOFF, Leonardo. *Covid-19: a Mãe Terra contra-ataca a Humanidade: advertências da pandemia*. Petrópolis: Vozes, 2020.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 2007.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

CSORDAS, Thomas J. *Corpo. Significado. Cura*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

DIBO, Monalisa. Mandala: um estudo na obra de C.G. Jung. *Último andar*, São Paulo, (15), 109-120, dez. 2006.

HANH, Thich Naht. *Felicidade: Práticas Essenciais para uma Consciência Plena*. Petrópolis: Vozes, 2013.

HARLAND, Maddy; KEEPIN, William. *A Canção da Terra: uma visão de mundo científica e espiritual*. São Paulo: Roça Nova, 2016.

MEYER, André; EARP, Ana Célia de Sá; VIEYRA, Adalberto (ed.). *Helenita Sá Earp: Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2019.

MICHELAZZO, José Carlos. *Do um como princípio ao dois como unidade*. Heidegger e a reconstrução ontológica do real. São Paulo: FAPESP; Annablume, 1999.